

**ALESSANDRO DUARTE / EDITOR**
aduarte@revistaencontro.com.br**CARTA DO EDITOR**

O que não pode ficar para amanhã

Na reportagem de capa desta edição, a jornalista Marina Dias repete por duas vezes uma frase do sociólogo Herbert de Sousa (1935-1997), o Betinho, símbolo da luta contra a miséria nos anos 1990. “Quem tem fome tem pressa”, dizia ele. No momento em que escrevo esta Carta do Editor, o número de mortos registrados por causa da pandemia do novo coronavírus se aproxima dos 400 mil no Brasil (mais de 12% do contabilizado no mundo inteiro). Mas a crise ela não é apenas de saúde. Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o número de brasileiros abaixo da linha da pobreza triplicou. Passou de 9,5 milhões no ano passado, para 27 milhões este ano. São, como mostra a matéria que começa na página xx, pessoas que sobrevivem com até 246 reais por mês. Essas pessoas têm pressa. Mais de metade da população brasileira está na faixa do que especialistas chamam de “insegurança alimentar”, ou seja, não tem garantia de comida na mesa.

Os relatos obtidos por Marina chamam a atenção. A empreendedora social Guilhermina Abreu, uma das fundadoras da ONG Embaixadores da Educação, conta que estava em um programa remoto sobre saúde mental com alunos de escolas públicas quando escutou uma frase que a chocou: “Como ter saúde mental, como acompanhar as aulas, passando fome?” Guilhermina viu então que havia uma necessidade ainda mais urgente. Criou, com outros responsáveis por projetos de ajuda ao próximo, o Unindo Forças BH, para arrecadar, à princípio, 1 milhão de reais a serem convertidos em cestas básicas. Com a chegada das primeiras contribuições, Guilhermina e seus parceiros viram que seria possível dobrar a meta. Também conseguiu que as doações de cestas básicas fossem feitas conforme o dinheiro chegasse. Afinal, as pessoas têm pressa.

Pesquisas mostram que a fome e a má alimentação na pandemia podem trazer sérios problemas de saúde e desenvolvimento em crianças e adultos. Exemplo de empreendedorismo social, Edu Lyra, criador do Instituto Gerando Falcões, organização que atua em periferias e favelas, escreveu em sua conta no Instagram que a fome não mata apenas os mais pobres, mata também a nossa civilidade. “Combater a fome é garantir nossa condição de cidadania como sociedade. É um teste que mede o nível de nossa sensibilidade humana”, postou. Por isso, nossa reportagem de capa não se limitou apenas a mostrar exemplos de pessoas, ONGs e institutos que atuam no combate a esse drama. Fizemos isso, sim, pois acreditamos que a divulgação de exemplos de compaixão e altruísmo, ainda mais em tempos como o atual, é essencial. Trouxemos também um quadro com uma lista de iniciativas que atuam para minimizar os danos da pandemia. Quer fazer parte desse mutirão de solidariedade? Há opções não só para quem deseja ajudar financeiramente, mas também para quem quer se voluntariar em alguma ação. ■



Distribuição de cestas básicas do Unindo Forças BH na comunidade Izidora: meta de arrecadar 2 milhões de reais